



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – DEDC CAMPUS VII
COLEGIADO DE TEATRO CENTRO DE FORMAÇÃO EM ARTES PROFESSOR
MARCOS FÁBIO OLIVEIRA MARQUES
COLEGIADO DE TEATRO**

AGDA ELEN DA SILVA

**UM VOO ENTRE VIDA E CENA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA
DRAMATURGIA DE CIDINHA DA SILVA**

Senhor do Bonfim
2025

AGDA ELEN DA SILVA

**UM VOO ENTRE VIDA E CENA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA
DRAMATURGIA DE CIDINHA DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
como requisito parcial para obtenção do
título de graduada em Licenciatura em
Teatro.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Érica de Souza
Oliveira

Senhor do Bonfim
2025

A nós, mulheres negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse trabalho a mainha, por ter me proporcionado viver o meu sonho lá na infância. Obrigada irmã por sempre acreditar em mim. Sou grata a vocês duas por todo o apoio, confiança e suporte.

Agradeço às minhas amigas e meus amigos por todos os momentos nesse período. Reclamei, vibrei e desabei muitas vezes com vocês.

Agradeço a minha família que esteve vibrando comigo esses quase seis anos.

Agradeço as minhas sobrinhas e meus sobrinhos por terem trazido beleza e felicidade nesse momento.

Agradeço a todas as mulheres negras citadas neste trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que ajudaram de alguma forma para que esse trabalho saísse da minha cabeça e que tornaram minhas lágrimas de desespero em lágrimas de felicidade.

Por fim, agradeço a mim mesma, foram anos de muitos altos e baixos e apesar de tudo, estou aqui.

Obrigada Agda da infância, estou orgulhosa de você, o futuro nos espera.

Merda!

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da mulher negra dentro da dramaturgia de Cidinha da Silva (2019), intitulada *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas*. A peça conta a história de cinco mulheres negras que compartilham a vida, as tentativas de viver e sobreviver em uma sociedade que as rejeitam e as excluem. A obra foi escrita pela autora juntamente com a Cia. Os Crespos, companhia de São Paulo-SP que encena a obra, a partir de entrevistas com mulheres da capital paulista. Trabalhar com a obra de Cidinha da Silva se faz importante porque ela nos mostra em uma mesma obra várias realidades de mulheres negras da nossa sociedade, ela denuncia e expõe a violência e a negligência cometida contra essas mulheres. Para isto, a pesquisa será realizada a partir das leituras de autoras negras como Lélia Gonzalez (1984), que traz em sua obra arquétipos da mulher negra colocados pela sociedade, como a mucama, a mãe preta e a doméstica, estereótipos que em sua peça a Cidinha da Silva desconstrói, e enfatiza a importância de criar uma identidade negra positiva saindo da lógica eurocêntrica estereotipada sobre nossos corpos, tal como salienta Sueli Carneiro (2011). Para a pesquisa que se apresenta, ainda utilizo os pressupostos teóricos de bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2020), Grada Kilomba (2019), Leda Martins (2023), entre outras intelectuais. Conclui-se que esta pesquisa é necessária para ecoar vozes e histórias de mulheres negras, para que não mais sejam esquecidas ou contadas de formas estereotipadas.

Palavra-chave: Cidinha da Silva, dramaturgia feminina negra, gênero, classe, raça.

Abstract: The present work aims to analyze the representation of black women in the dramaturgy of Cidinha da Silva (2018), entitled *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (I got pregnant, gave birth to horses and learned how to fly without wings). The play tells the story of five black women who share their lives, their attempts to live and survive in a society that rejects and excludes them. The work was written by the author together with Cia. Os Crespos, a theater company from São Paulo-SP that stages the play, based on interviews with women from the capital of São Paulo. Work with Cidinha da Silva's play is important because she shows us within a single work various realities of black women in our society, she denounces and exposes the violence and negligence committed against these women. For this, the research will be based on readings of black female authors such as Lélia Gonzalez (1984), who presents in her work archetypes of black women imposed by society, such as the mucama, the black mother and the domestic worker, stereotypes that Cidinha da Silva deconstructs in her theatre play, and emphasizing the importance of creating a positive black identity moving away from the stereotypical Eurocentric logic about our bodies, just like Sueli Carneiro (2011). For the present research, I also draw on the theoretical assumptions of bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2020), Grada Kilomba (2019), Leda Martins (2023), among other intellectuals. It is concluded that this research is necessary to amplify the voices and stories of black women, so that they are no longer forgotten or told in stereotypical ways.

Keywords: Cidinha da Silva, black female dramaturgy, gender, class, race.

Começando

Nasci e cresci banhada pelas águas do Rio São Francisco entre Juazeiro-BA e Petrolina-PE, floresci com duas mulheres em casa, mainha, carinhosamente chamada de Nice ou tia Nice, mulher de um coração gigantesco e com muito amor para dar, trabalha desde a infância, primeiro na roça com a família e depois fazendo faxinas, onde está até hoje. Não conseguiu terminar o fundamental 2 devido à necessidade de trabalhar e sustentar eu e minha irmã Erika. Temos três anos de diferença de idade, mas foi ela quem me criou e me ensinou muito na ausência de nossa mãe, outra do coração gigante e de uma bondade que não tem tamanho.

E nesse ambiente de mulheres amadas que vivi, apesar da pobreza, das faltas, nunca faltou o amor. Eu era uma criança muito inventiva e criadora, pude aproveitar muito a infância. Se dependesse de mim, passava o dia na rua, sem tomar banho e sem comer. Tudo se tornava brincadeira, as próprias brincadeiras, jogar bola, esconde-esconde, pega-pega e outras, tocar a campainha dos vizinhos, subir em pé de árvores para pegar frutas e o que mais surgisse no dia.

Já na escola, meu processo de alfabetização aconteceu de forma conturbada, aprendi a ler fora do período esperado. Foi na fase em que peguei piolho. Tinha costume de andar com os cabelos presos porque não gostava do volume, nunca alisei, apesar de alisarem lá em casa, no meu eram feitos penteados, eu amava. Devido a uma promessa da minha mãe, só pude cortar o cabelo quando me batizei, que foi aos 15 anos. Na rua, as mulheres se revezavam para catar meus piolhos. A professora, por sua vez, branca, me excluía da sala e do recreio. Na hora de praticar a leitura para a sala toda, ela tinha uma “técnica” de bater na minha perna, por causa da tremidinha que eu dava quando lia.

Passado isso, aprendi a ler, mas não era do meu interesse, apesar de mainha sempre incentivar a leitura e os estudos. Quando podia, comprava os box de livros de histórias infantis que vendiam na escola, nenhuma tinha protagonismo negro. Ela também começou a trazer gibis dos filhos dos patrões, o que aos poucos me despertou um pouco mais o desejo pela leitura. Gostava dos gibis, os da turma da Mônica eram mais frequentes, não me via representada por nenhum personagem, mas gostava da comunicação rápida e das cenas curtas. É um desenho que gostamos até hoje. Mais à frente, comecei a amar poesia e ficção científica, passei a frequentar mais a biblioteca da escola, ficando na lista das leitoras do mês, mas ainda não lia obras escritas por pessoas negras e também não via protagonistas mulheres negras no que eu lia e assistia.

Sempre gostei de decorar as falas dos desenhos animados e fazer imitações de personagens de programas de televisão, que naquele tempo eram os personagens da escola do

professor Raimundo, Zorra Total e o Zacarias. Nos desenhos era muito raro quando aparecia uma personagem negra, programas de TV, por sua vez, eram um verdadeiro show de horrores, e só fui ter consciência disso um pouco mais à frente com os famosos programas de “humor”, que citei acima que na grande maioria das vezes ridicularizavam e estereotipavam os corpos negros. Como é bom ter consciência racial!

Outra coisa que eu gostava muito de fazer na infância, e ainda gosto, era ir ao circo. Sempre que chegava um no bairro, eu estava lá, com a escola ou a galera da rua, me fascina apesar de eu não gostar de palhaços, me perco nos números e na desenvoltura das/os artistas, esse é um espaço que consigo ver uma diversidade de corpos e pessoas.

Aos 13 anos de idade, fiz minha primeira oficina de teatro no festival *Aldeia do Velho Chico*, realizado pelo Serviço Social do Comércio - SESC Petrolina¹, com a professora Raphaela de Paula². Sempre fui muito tímida, tinha vergonha de falar o meu nome na roda de apresentação no início da aula, os jogos de improvisação para mim eram um terror, mas eu permanecia, o teatro nesse primeiro momento me ajudou bastante com a timidez.

Foi uma semana de oficina, e mainha me acompanhou todos os dias. Ela chegava do trabalho e eu já estava à sua espera, nós íamos e vínhamos andando. Na volta, eu preenchia o caminho com as descobertas da aula. Ao final da oficina tivemos uma mostra e essa era a minha primeira vez em cima de um palco, minha mãe estava lá me assistindo. A apresentação aconteceu de forma simples para mostrar o resultado final. Lembro que estávamos vestidos com as camisas das edições passadas do festival, cantávamos uma música e preenchíamos o espaço, em dado momento recitávamos algo que não lembro o que era. Eu tremia mais que tudo e da plateia, mainha chorava, tá aí com quem eu aprendi a ser chorona. O festival daquele ano estava reinaugurando o teatro do SESC que leva o nome de uma forte figura negra do *Samba de Véio da Ilha do Massangano*, a Dona Amélia.³

Meu início no teatro se deu a partir de muitos aprendizados. Depois dessa experiência na oficina, eu busquei as aulas regulares que o SESC oferecia. Como não podia pagar, procurei bolsa e consegui, depois dessa experiência parti para o *Núcleo de Teatro do SESC Petrolina*⁴, ambos com o professor Thom Galiano⁵, meu amigo até hoje. Esse espaço me abriu caminhos

¹ O SESC realiza além do *Aldeia do Velho Chico* que costuma acontecer no mês de agosto, o *Janeiro Tem Mais Artes* em janeiro, o *Vale Dançar* em abril entre outros eventos de fomento às artes.

² Professora de arte e teatro, atriz e integrante do grupo teatral *Trup Errante*.

³ Amélia Oliveira da Silva, mais conhecida como Dona Amélia, é moradora da Ilha do Massangano, zona rural da cidade de Petrolina-PE, matriarca da comunidade e uma forte representante do *Samba de Véio*.

⁴ O Núcleo funciona como um espaço mais avançado para quem já tem experiência com o teatro, seja no curso que o próprio SESC ou em outros grupos e espaços.

⁵ Professor, diretor teatral, escritor, pós graduado em dança e fundador da *Trup Errante*.

e possibilidades para que eu me enxergasse onde estou hoje, lá que quebrei as primeiras barreiras da timidez, do não falar em público, onde eu conheci os famosos diários de bordo⁶, minhas primeiras experiências em espetáculo e performances, meu primeiro contato com iluminação e sonoplastia. Minha primeira escola de teatro, pude experimentar diversas possibilidades.

No teatro eu me descobri uma mulher negra, até então eu não sabia muito bem me definir, Erika e nossa mãe são mulheres negras mais retintas que eu e em casa não discutíamos assuntos referente a raça. A partir da vivência no teatro e com a arte, comecei a ter acesso a discussões raciais mais consistentes. Eu via naquele espaço o que eu não estava acostumada a ver no meu círculo de convivência, pessoas de diferentes lugares, diferentes no modo de se vestir, falar e mostrar sua arte, a princípio houve um estranhamento, não um estranhamento ruim, mas do tipo, nossa quanta coisa diferente que pode existir longe da minha pequena comunidade, eu me identificava em muitos momentos com essa arte essa diversidade, me sentia pertencente aquele espaço.

Lembro que conheci obras de dramaturgas negras como Grace Passô⁷, Cristiane Sobral⁸ e Cidinha da Silva, as duas últimas conheci pessoalmente. A escritora Cristiane Sobral apresentou sua trajetória e dois livros seu, o *Não vou mais lavar os pratos* (2010) esse em especial, me lembrou da minha mãe, na quantidade de livros que ela deixou de ler porque precisava trabalhar, a falta de tempo para os estudos, o quanto o conhecimento foi negado a ela desde a infância. A outra obra de Sobral (2014) *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* é muito voltada para a afirmação, o empoderamento e resistência para se ver e assumir os cabelos, a cor. Mais à frente falarei de Cidinha da Silva.

Ainda nesse processo de descobertas, comecei a reconhecer uns primeiros vestígios do que eu gostaria de investigar e que pra mim, hoje, são fundamentais na minha formação enquanto artista e licencianda em teatro, que tipo de teatro eu queria fazer, além do político que já era o que eu vinha desenvolvendo dentro do Núcleo. Essas autoras e outras artistas negras em cena foram muito importantes nesse momento.

Trago aqui uma performance muito importante dentro dessa minha passagem pelo grupo. Ela nasceu no *IV Experimenta Cena* no ano de 2015 com a direção de Tânia farias e

⁶ Livro onde escrevemos relatos da aula, sentimos, sensações obtidas e outras coisas que julgamos importante para acessar novamente.

⁷ Atriz, diretora, roteirista e dramaturga brasileira. Autora de obras como *Vaga a Carne* (2018), *Amores Surdos* (2012), *Mata Teu Pai* (2017).

⁸ Atriz, escritora, dramaturga e poeta. Autora de *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), *O tapete voador* (2016).

Paulo Flores da Tribo de Atadores *Ói Nós Aqui Traveiz*⁹. A performance *Ação N°3 Procura-se um Corpo* feita pelo grupo trazia relatos e histórias dos mortos e desaparecidos da ditadura militar de 1964-1985 sobre o olhar de quem viveu e relatos das famílias das/os desaparecidas/os. O teatro político me interessa muito.

Minha experiência enquanto plateia nesse período foi muito rica, pude ver diversos corpos em cena, entre eles, corpos negros, livres e tomados de potências. Quando estudamos a história do teatro vemos que corpos negros, sobretudo de mulheres negras não podiam ocupar esses lugares da cena, não podiam sequer se colocarem no lugar de plateia, mas ali os corpos estavam no palco. O corpo gordo, com nanismo, de *Black Power*, cabeça raspada. Nesse contato com a arte também pude ver a cena negra contemporânea acontecendo, sempre carregada de muita ancestralidade, religiosidade, dança, luta e resistência. Eu sentia que precisava demarcar a cor do meu teatro, afinal de contas, eu sou esse teatro.

Munida dessa arte e curiosidade entrei para um grupo de estudos em literatura, o (NEPEL) *Núcleo de Estudo e Pesquisa em Literatura*¹⁰ também no SESC. Nesse grupo, fui apresentada a obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Elisa Lucinda, pude experimentar um pouco da escrita poética e publicamos dois fanzines, ambos contêm uma poesia minha.

Em 2017, ainda dentro do NEPEL, nasceu *Mulheriando*, um processo que me desafiou, pois era o meu primeiro trabalho solo, busquei ajuda na direção, porque sou atriz e não diretora, não sabia dirigir e estar na cena, minha amiga Monique Paulino¹¹ e meu amigo Jackson Vicente¹² me ajudaram no trabalho, nossa relação começou no Núcleo e anos mais tarde abrimos uma produtora, a Canoeiras Produções¹³ onde realizamos projetos voltados para temas como gênero, raça e comunidades LGBTQIAPN+.

Mulheriando foi nascendo com essas três cabeças, apesar de eu já me reconhecer como uma mulher negra e de ter tido contato com obras e artistas negras, sentia que ainda não era o bastante, e realmente não era. Ao longo da produção, a performance foi ganhando símbolos e

⁹ A Tribo de Atadores *Ói Nós Aqui Traveiz* é um grupo teatral de Porto Alegre - RS que surgiu em 1978. Tem como base os ensinamentos de Antonin Artaud e do teatro revolucionário, investiga as várias possibilidades da encenação e nessas mais de quatro décadas desenvolveu uma identidade e estética própria, estabelecida na pesquisa dramaturgica, musical, plástica, no estudo da história e da cultura, na experimentação dos recursos teatrais a partir do trabalho autoral do ator, um novo modo de atuação.

¹⁰ NEPEL é um curso gratuito que estuda a literatura regional e nacional. Um espaço para ler e debater sobre literatura.

¹¹ Professora, artista e produtora cultural.

¹² Ator, produtor cultural, diretor e fotógrafo.

¹³ Produtora independente que nasceu no ano de 2019.

significados, que dentro de um trabalho eram novos pra mim. O barro era a representação de um rosto que ao longo da cena eu moldava.

Entra nesse processo também a música de Nanã que servia mais como laboratório e que achamos que na cena combinaria. A música de Nanã me transmite acolhimento, acalanto, força e muita resistência. Segue trecho da música:

[...]
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê

Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não
Preferi ficar calado que falar e levar não
O meu silêncio é uma singela oração
Minha santa de fé
[...]
(Cordeiro de Nanã (1973) do grupo Os Tingoãs)

Fotografia 1: Entre Margens, Mulheriando



Fonte: Fernando Pereira, 2017.

Nessa minha trajetória pude conhecer a responsável pela dramaturgia que falarei aqui, a Cidinha da Silva com sua peça *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (2019). A conheci em 2018 no *Arte da Palavra*, evento promovido pelo SESC. Não lembro de ter sido

tocada por ela tão forte, o quanto fui quando voltei a ter contato com sua obra em 2022 já dentro da universidade. Pode ter sido o amadurecimento, talvez.

Iniciei na Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Senhor do Bonfim-BA no ano de 2020, ano da pandemia da COVID-19, o que fez com que atrasasse um pouco o início das aulas que começaram remotamente, em 2022 começamos as atividades presenciais, período que ingressei na Iniciação Científica, e que parei de fato pra ler algumas obras da Cidinha como *Enxuzilhar: melhores crônicas de Cidinha da Silva* (2019), *Um Exu em Nova York* (2018) e as dramaturgias negra da autora, ela esteve comigo a graduação inteira.

Eu escolhi a obra *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (2019) porque sinto a representação da mulher na sua forma mais real. Cidinha da Silva fala de temas que perpassam a vida de toda mulher negra em algum momento, seja a violência, física, psicológica ou estrutural, o abandono, o amor e a falta dele. Ela traz o cotidiano e a realidade de forma fiel quando ela expõe na sua obra as violências com essas personagens, isso me deixa tocada. Me sinto instigada, eu me vejo na obra de Cidinha, eu vejo minha mãe, minha amiga, minha irmã, minha vizinha, a moça que vejo passando na rua todo dia.

Leda Martins (2023) em seu livro *A cena em Sombras* fala: “Aí, nesses lugares de cruzamentos, desvios e funções, o Teatro Negro se tece em uma performance que não se separa do cotidiano, mas que a ele se alia na apreensão mesma da realidade” (Martins, 2023, p. 70) e é exatamente o que a obra da autora faz.

A dramaturgia de Cidinha da Silva dá voz à mulher negra e a representa de forma real. A escrita, hoje, apropriadas e resinificadas, da vida a dramaturgia e narra com verossimilhança a vida de mulheres negras. Essa escrita que logo à frente dará vida a cena, e a personagem principal é a mulher negra.

Escrevendo nossa dramaturgia

Não vou mais lavar os pratos

Não vou mais lavar os pratos
 Nem vou limpar a poeira dos móveis
 Sinto muito
 Comecei a ler

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
 Não levo mais o lixo para a lixeira
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
 Sinto muito
 Depois de ler percebi a estética dos pratos

A estética dos traços
A ética
A estática

Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
Mãos bem mais macias que antes
Sinto que posso começar a ser a todo instante
Sinto
Qualquer coisa
[...]
(Sobral, 2016, p. 18)

O trecho do poema acima é de autoria de Cristiane Sobral (2016). Aqui podemos notar que ela não só começa a ler, como também toma consciência de si e rompe com padrões preestabelecido para seu corpo negro. Ela começa a investigar a si própria, as coisas passam a ter significado e beleza.

O lugar da doméstica que sempre foi colocada para a mulher negra dentro e fora da literatura, como aponta Lélia Gonzalez: “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzalez, 1984, p. 230). Colocada apenas para servir e estar disponível para trabalho e como objeto sexual, na poesia, essa mulher dá um basta.

Na poesia de autoria afrobrasileira, o ciclo da mulher negra no trabalho doméstico se encerra, e começa um novo caminho de possibilidades, nos livros, na palavra e na escrita. A mulher negra, corta o cordão que a puxava para um dos únicos caminhos que a sociedade impõe para ela. Aqui a nossa mulher negra aprendeu a ler, se libertou e tomou consciência de seu lugar enquanto intelectual. O prato dá lugar ao livro, os porquês vão surgindo e um novo mundo a partir da leitura também.

Grada Kilomba (2019) reflete sobre a mudança de paradigma na vida da mulher negra a partir do momento em que ela assume a caneta e toma o poder para contar sua história com as próprias mãos, “eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p. 28). Aqui ela é o sujeito e não o objeto e escrever se torna um ato político.

Evaristo (2020) argumenta que se antes nos foram roubadas liberdade, palavra e escrita, hoje nos apropriaremos de tudo sem jamais esquecermos a voz de nossas e nossos ancestrais. A casa grande um dia se apropriou de nossa voz, mas da nossa escrita não vai. A respeito da escrevivência da mulher negra, a autora nos ensina:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E

se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Conceição Evaristo (2020) apresenta o início da escrita da mulher negra como algo que nasce a fim de dar visibilidade àquilo que antes fora roubado da população negra, aqui a escrita tem foco no corpo-voz, nas potências e ancestralidades dessas mulheres, a escrevivência, passa a ser um lugar que juntas podemos ecoar nossas vozes e vivências, impedindo que não criem narrativas deturpadas a respeito da mulher negra.

Conceição Evaristo traz a seguinte pergunta quando se tratando de entender o que seria a escrevivência, suas e de suas parceiras de luta; “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? (Evaristo, 2020, p.35). A autora afirma que a escrevivência é antes de qualquer coisa, interrogação, é sobretudo a forma que essa história será contada e escrita, a escrita nos tira do lugar de passivas e nos coloca sendo a sujeita principal da história.

Adentrando na dramaturgia feminina negra e no teatro, a intelectual Cristiane Sobral fala: “O Teatro Negro pode ser considerado um movimento de resgate dos valores da negritude brasileira, da sua própria cultura, dos meios de criação e reflexão sobre a experiência negra” (Sobral, 2022, p. 99). É justamente nesse território de resgate e autorrepresentação que o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, ganha corpo cênico, traduzindo para o palco a potência de se narrar em primeira pessoa.

O apreciar de escrevivência, que ao migrar da página para o palco, transforma a experiência íntima em poder coletivo. É no ato de narrar-se que se constrói o direito de existir no cenário, tanto o artístico quanto o social. É na escrevivência onde podemos escrever e contar nossa própria narrativa, antes silenciadas. Por meio dela narramos nossas dores, que infelizmente fez e faz parte de nossa vivência, mas também damos voz a nossas conquistas e sonhos. No teatro negro essas mesmas narrativas ganham a cena, materializando em corpo e voz.

Se antes os espaços eram negados a mulher negra, hoje esses mesmos são ocupados, por vezes com muito travamento, mas ocupados. Apresentarei agora a autora Cidinha da Silva e a sua dramaturgia que será analisada aqui que compõe o livro *O teatro negro de Cidinha da Silva* (2019).

Maria Aparecida da Silva, mais conhecida como Cidinha da Silva nasceu em 29 de junho de 1967 em Belo Horizonte-MG terra de montanhas e pão de queijo. É uma escritora politicamente ativa, editora, dramaturga, ensaísta e autora de 23 livros que passeiam pelos gêneros de contos, crônicas, ensaios, infanto-juvenil e dramaturgia. Seu primeiro livro nasceu em 2006: *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas*. Formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutorada em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Cidinha faz um trajeto em suas obras em que dialoga com diversas questões voltadas para gênero, raça, classe, desigualdades sociais, identidade, religião, direitos humanos, amor, política, orixás e ancestralidade. A autora vem da produção de crônicas e dos contos, seu olhar e sua escrita são majoritariamente direcionados para a realidade do cotidiano. A dramaturgia da autora que se chama *Teatro Negro de Cidinha da Silva* (2019) publicada pela editora Aquilombô, a obra é composta por três peças, sendo uma delas para o público infantil.

A primeira *Sangoma – saúde as mulheres negras* (2019), feita em parceria com o grupo Capulanas Cia de Arte Negra estreou em 2013. A peça ambientada em uma casa, conta a história das “Sangomas”, nome dado a mulheres zulus da África do Sul, que são escolhidas por ancestrais para exercer o trabalho de cura, a obra retrata a saúde de mulheres negras. O enredo parte de depoimentos reais de violências sofridas por mulheres negras e o quanto o racismo, o sexismo operam para que isso perdure.

Os Coloridos (2019), a segunda peça da coletânea, a artista escreveu juntamente com a Cia. Os Crespos, grupo de teatro de São Paulo-SP. A peça foi encenada pela primeira vez em 2015 e é voltada para o público infantil. Ela traz a história de três araras, uma amarela, uma azul e uma vermelha que contam as histórias de seus reinos que têm suas respectivas cores, o que cria uma rivalidade entre eles, fazendo disputarem qual é o melhor reino e a melhor cor. Ao longo da história as três araras vão conhecendo e descobrindo juntas, o mundo e as diferenças de cada reino e vendo que é possível viver em coletivo, no final aparece uma linda arara colorida, representando a junção de todos os reinos e a diversidade que temos. A peça aborda temas como o respeito, à diversidade, a ancestralidade de forma leve e divertida.

Por fim, a terceira peça, *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (2019) também feito com a Cia. Os Crespos, apresentada desde 2014. A peça é um monólogo encenado

por uma atriz negra que dá vida às cinco mulheres, são elas, A Puta, A Alcoólatra, A Moradora de Rua, A Princesa do Carnaval e A Dona do Salão de Cabeleireiros. No espaço cênico se vê o interior de uma casa que vai se transformando a partir do aparecimento de cada personagem ao longo da peça. No começo, vemos a atriz em cena e a seguinte frase projetada: “Engravidei e Pari cavalos, Pari com força, Pari sem dor, Pari entre um sonho e outro. Depois virei outra pessoa. Em respeito a mim mesma, aprendi a voar sem asas Maria Tereza¹⁴” (Cidinha, 2019, p. 37).

A frase de Maria Tereza e que dá nome a peça mostra muitas metáforas e simboliza uma transformação dessa pessoa. O parto desse cavalo, um animal grande, difícil de pôr no mundo, que exige esforço, simboliza dor, traumas, algo brutal. Há força, mas não há dor, o que significa que a dor aqui não é física, mas ela está ali, de alguma forma, devido a brutalidade da vida para com esse corpo, ela não a sente, não da forma comum. Os sonhos remetem a transe e logo em seguida ela não é mais a mesma, o trauma e a dor a transformaram.

Ainda de Maria Tereza, trago aqui um trecho de um poema em prosa chamado *Presente de Mãe* que ela publicou no seu livro *Vermelho* (2009) e que contribui muito para o que estou falando aqui, escritas e vivências de mulheres negras:

Quando eu tinha oito anos eu gostava muito de fazer bolo de terra no quintal da minha casa. Eu brincava de ser escultora e fazia uns bolos bem redondos, de vários tamanhos e cheios de velas, daquelas velas bem fininhas que parecem palitos. Só que eu não acendia as velinhas porque o vento apagava o fogo e minha mãe vivia espiando lá da janela da cozinha. Minha mãe é muito legal, um dia eu perguntei se ela faria um bolo vermelho, vermelho da cor da terra do quintal pra gente comer. Ela disse que sim, quando chegou o comecinho da noite ela me chamou dizendo que tinha uma surpresa! Eba!!! Pensei que era o bolo vermelho. Não era. Ela tinha feito um bolo branco e sem recheio... Tinha só um morango em cima... E não era muito gostoso. Mas a surpresa era outra coisa! Minha Mãe tinha trazido um presente! Era um embrulho bem grande e esquisito. Fui pro meu quartinho abrir o presente, acendi a luz, desembulhei o pacote e o quarto ficou todo fascinante e brilhante: um caderno bem grosso recheado com folhas de papel de seda vermelhas! (Jesus, 2020, p. 35 apud Tereza, 2007, p. 15).

A vida das mulheres e meninas negras estão acontecendo e que lindo é poder nos deparar com relatos, que não sejam somente tristeza, trauma e abandono. Que o amor esteja presente para nossos corpos negros desde a infância. Que sejamos vistas e cuidadas também pela nossa família, mas não somente. bell hooks (2021) sobre a relação com amor a crianças no seu livro *Tudo Sobre o Amor* (2021) apresenta: “O amor é o que o amor faz, e é nossa

¹⁴ O trecho é de um poema de Maria Tereza Moreira de Jesus. Ela foi uma poeta, palhaça, ilustradora, e atriz negra de São Paulo-SP. Publicou três livros: *Ruídos* (2022), *Negrices em Flor* (2007), e o infantil e autobiográfico *Vermelho* (2009). Faleceu precocemente em decorrência de uma doença rara autoimune chamada POEMS. Fonte: http://bib.pucminas.br/teses/Letras_FabianaOliveiraDeJesus_8519.pdf. Acesso em: 18 nov. 2025.

responsabilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos – os quais nós respeitamos e garantimos. Sem justiça, não pode haver amor” (hooks, 2021, p. 72).

Amor é ação. A ação de estar e proteger essa criança, dar o mínimo para que ela viva bem. O amor e cuidado na infância são fundamentais, porque é na infância que começamos o nosso processo de formação, de amor próprio. Na obra da autora Cidinha da Silva acompanhamos mulheres que em algum momento da infância tiveram atravessamentos que implicaram diretamente em suas vidas adultas.

Dramaturgia em cena

Na peça *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (2019) de Cidinha da Silva, a mulher negra é a personagem principal sendo cinco personagens, A Puta, A Alcoólatra, A Moradora de Rua, A Princesa do Carnaval e A Dona do Salão de Cabeleireiros. A dramaturgia parte de relatos reais de mulheres negras da grande São Paulo-SP tentarei aqui, analisar essas personagens pelo recorte de raça e gênero, mas entendendo que quando se tratando destas, as duas coisas não vêm separadas. A linha que costura essa narrativa, liga as histórias que se encontram, através da dor, da solidão e das lutas diárias. A seguir um trecho da personagem, A Moradora de Rua:

[...] Ela sempre soube que era negra. Ninguém a deixou esquecer. Quem é que a deixaria esquecer? Ela aprendeu a amar no lixo, ela é a outra face do lixo. Seu amor veio do lugar de quem não tem amor nenhum. Ela não é uma pessoa doce, sempre foi dura, verdadeira. Quando a sociedade achou que ela era um lixo, ela se tornou um ser humano. O lixo reciclou sua vida, suas ideias [...] (Silva, 2019, p. 49).

Essa personagem sofreu múltiplos abandonos e violências físicas e emocionais ao longo da sua vida. A sociedade racista em que vivemos, constantemente a lembrar de sua cor de forma negativa, negando uma infância digna, o acesso a moradia, a comida, o racismo foi e é presente no seu cotidiano. As camadas desse preconceito agem de forma que a faz lembrar diariamente de sua condição de mulher negra marginalizada e excluída. O sistema quando não se desfaz dos corpos negros os excluem. A personagem aqui não é dura, ela só nunca foi apresentada a doçura, a o bem-estar, ao amor, mas apesar disso, ela achou o seu modo de amar.

Novamente a mulher negra tendo que ser forte para sobreviver e subverter a lógica que se cria para ela. A força não vem do útero, ela nasce conforme vai nascendo os preconceitos para com esse corpo, vem de onde sempre nos colocam. Voltamos fortes, mas nem sempre

inteiras. A personagem apresentada pela autora escancarar uma realidade pouco discutida em nosso país. Ainda tem pessoas acreditando que não existe racismo no Brasil, reduzindo ao um simples mimimi. “A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria” (Gonzalez, 1984, p. 225). Ainda sobre isso, Gonzalez completa:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto (Gonzalez, 1984, p. 226).

Se cria uma distorção sobre o racismo no Brasil, de que somos todos iguais e toda essa falácia que o branco criou para se autopromover e sair sempre como os bonzinhos da história. E continuam a repetir as mesmas atitudes e frases: Não é racista porque tem a Neide que trabalha em sua casa, não é racista, mas reclama do *Black Power* da jovem negra, não é racista, mas sempre esconde a bolsa quando uma pessoa negra está perto, esses são exemplos que acontecem diariamente. A partir disso posso observar outra personagem da peça, A Dona do Salão de Cabeleireiros:

[...] Ela é uma vencedora, já está abrindo o terceiro salão de cabeleireiros, e os pais se orgulham muito dela, sentem que todo o investimento que fizeram deu certo: balé, natação, viagens, boas escolas, psicóloga, quando o pai percebeu a cabecinha confusa em formação. Ela até fez um curso de pós-graduação na Escola Europeia de Estética na Argentina. A mãe alisava seu cabelo desde pequena, dizia que ela era quase branca e que o cabelo liso combinava mais com ela. Se não alisasse, não poderia fazer o coquinho das colegas do balé. Então ela alisava. E o mundo? O mundo, ah, o mundo esfregava na cara dela a negra que era e a mãe branca a impedia de ver [...] (Silva, 2019, p. 56).

Aqui podemos ver uma diferença de status de uma personagem para a outra, mas o mesmo acomete as duas. Apesar de todo investimento e de ser colocada como uma “vencedora”, ela não está isenta das violências físicas e simbólicas cometidas pela mãe branca e pelo mundo. A tentativa do embranquecimento e a reprodução de um padrão, podemos observar ainda com a mesma personagem:

[...] Meus namorados são brancos, e quando são mulheres também são brancas, a maioria, ou quase brancos. Namorei um que tinha problemas com drogas. Meu pai foi contra, mas minha mãe apoiava. Ela dizia que eu devia ter paciência e com a graça de Deus conseguiria recuperá-lo. A família dele ficaria muito grata a mim e me aceitaria de bom grado. Eu não teria os problemas que meu pai teve pra ser aceito na família dela [...] (Silva, 2019, p. 58).

Vemos novamente a mãe branca querendo ter o domínio sobre seu corpo e poder de escolha. Aqui ela vê a filha como uma clínica de reabilitação, que se ela for uma boa moça e prestar o serviço de bom grado poderá ser aceita pelo homem e pela família dele, o pai por sua vez, entende o lugar da filha, até porque o próprio já passou. Para o racismo, a mulher negra não tem poder de escolha, tem que ser escolhida e agradecer a quem a escolher.

Essa personagem foi criada dentro da construção de família com pais em uma relação inter-racial, onde seu pai é negro e sua mãe branca. Isso se deu pelo medo de “ficar para a titia” e porque ela prezava a amizade e casou com o amigo, nisso a personagem cresce dentro de um ambiente racista, onde ela, fruto da mestiçagem nasce com o tom da pele mais claro e seu pai homem mais retinto. Para o homem negro é uma vitória, ganhar na vida quando “consegue” se relacionar com um mulher branca, o padrão de beleza e sucesso esperado pela nossa sociedade racista. Segue a continuação do diálogo da personagem:

[...] Eu perguntei: “Como assim?”. Além de realizar o desejo da minha mãe de clarear a família, eu era quase branca, por que a família dele teria dificuldade pra me aceitar? Foi aí que vi na minha mãe o olhar determinado e prático da advogada que diz: “Os brancos sempre sabem quem é o negro. O negro é que se confunde” (Silva, 2019, p. 58).

[...] Aquilo ficou dias, semanas e meses batucando na minha cabeça. Eu fui deixando de alisar o cabelo. Quando ele encrespou mesmo, meu pai abriu um sorriso grandão, me abraçou e disse que eu estava linda. Esse dia foi muito esquisito pra mim. Se meu pai me achava tão linda negra, por que ele gostava tanto de mulher branca? Por que casou com minha mãe e tinha tanto orgulho das mulheres brancas que namorou e vibrava quando meu irmão arranjava brancas também? Conforme fui achando as respostas eu ia entendendo quem eu era (Silva, 2019, p. 58).

Muitas mulheres negras dentro e fora de ciclos familiares onde os pais têm relações inter-raciais e que sofrem racismo só vão perceber isso tardiamente, isso implica na sua vida e nas relações, dificultando a aceitação consigo mesma. Isso se dá justamente pelo processo de miscigenação ocorrido aqui no Brasil com a tentativa de embranquecer a população. Sobre isso, Sueli Carneiro argumenta que:

[...] em primeiro lugar, a miscigenação vem dando suporte ao mito da democracia racial, na medida em que o intercuro sexual entre brancos indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial [...] em segundo lugar, a miscigenação tem constituído um instrumento eficaz de embraquecimento do país por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “o branco da terra”, oferecendo aos intermediários o benefício simbólico de estar mais próximos do ideal humano, o branco (Carneiro, 2011, p. 66 e 67).

A democracia racial não se dá porque existe relações sexuais entre brancos e não brancos, até porque esse processo se deu desde o início a partir de muitos estupros e violações desses corpos. Pessoas negras e indígenas não podiam ter o poder de escolha de quem manteriam relações sexuais, esse direito os foram negados desde o período da escravidão e colonização.

O plano de embranquecimento da população para se chegar no ideal branco perdura até hoje, mas o que acontece é que o branco continua com seus direitos e privilégios garantidos e a população negra retinta e indígenas são excluídas e privadas desses direitos e negras/os de pele não retinta se distanciam de seu grupo e não se enquadra no do branco. Então começa uma separação, sendo que ambos estão lutando pela mesma causa, direitos.

“No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os” (Kilomba, 2019, p. 34). Eles querem ter o controle sobre o corpo negro, a negação de que não existe o racismo e todo esse discurso, reforça ainda mais o que falei a cima, pelo fato de ser branco acredita que é melhor e merece tudo.

Como bem afirma a autora Mirian Mendes (1982), a personagem negra só começou a ser vista pela dramaturgia e literatura por volta de 1850 com o fim do tráfico de escravizados, apareciam pouco em cena, e ainda assim, sendo colocados no lugar de escravos e escravas, representados por muito estereótipos, ela continua:

[...] A personagem negra, pois, foi usada pela dramaturgia brasileira do século passado de duas formas bem definidas: como elemento característico da sociedade da época (comédias), ou como personagem representativa, às vezes simbólica, de um problema social (o cativo) que ia se tornando dia a dia mais crucial (dramas); neste caso, sem história própria, pois o que o autor procurava realmente passar ao público, através dos infortúnios da personagem negra, era sempre algo ligado ao regime da escravidão (Mendes, 1982, p. 198).

Ou seja, a visão que se tinha era uma só, negro escravo e nada mais, as narrativas eram contadas com viés racista e classista. A personagem negra era considerada quase que exclusivamente um objeto de trabalho e não parte de uma sociedade que estivesse na cena como tal. As poucas vezes que apareciam em cena eram como figurantes (Mendes, 1982).

Por isso se faz importante cada vez mais escritas negras dando voz as suas próprias histórias e narrativas. Cidinha traz a mulher negra em um lugar que ela mesmo conta sua história a partir de sua vivência diária. É certo que o que mulheres negras vivem hoje como a tentativa de exclusão de espaços de poder, inferioridade, preconceito em relação ao seu intelecto entre outras ainda é resquício da escravidão e dos vários estereótipos colocados em

seu corpo, mas não somos isso, e essa escrita vem para enfatizar isso, como destaca a pensadora Cristian Sales:

[...] Diferentemente de narrativas que priorizam a vitimização de mulheres africanas e negras escravizadas, é importante reconhecer que as literaturas de autoria negro-feminina ultrapassam esse discurso. Embora a escravidão seja um tema importante e recorrente em muitas obras, elas também exploram uma ampla variedade de experiências, incluindo empoderamento, resistência, resiliência, ancestralidade, espiritualidade, amor, sexualidade e a construção de identidades complexas, entre outros (Sales, 2023, p. 54).

Somos constituídas também pelo nosso passado escravocrata, mas não somente. As narrativas por mais que queiram representar a mulher negra desse modo, não devem individualizar essa história. Por mais que tenhamos, ainda, o apagamento, a tentativa de embranquecimento, o racismo muito latente em nossa sociedade, conseguimos ver cada vez mais empoderamento da população negra, mulheres negras como a personagem A Dona do Salão de Cabelereiros, assumindo seus *Black Power*, sua identidade e se amando, tomando consciência racial. O que é muito bom e necessário, que tenhamos na escrita e na cena cada vez mais referências que pareçam com a gente e que contém a nossa história.

As escritoras negras e seus trabalhos auxiliam no desenvolvimento do nosso reconhecimento e pertencimento na literatura, fortalece nossos estudos empretecendo as discursões dentro e fora da universidade. Essa escrita liberta a gente da história única contata exclusivamente pelo colonizador, é um resgate a nossa história de força, combate, superação e vitórias (Sales, 2023, p. 51).

Em 1851 a ativista Sojourner Truth 1797-1883 na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, nos EUA proferiu o seguinte discurso quando abordado falas em relação ao tratamento com as mulheres, ela então questiona já que nunca lhe colocaram no lugar selecionado para as mulheres:

[...] Aquele homem lá diz que as mulheres precisam de ajuda para entrar em carruagens e atravessar valas, e sempre ter os melhores lugares não importa onde. Nunca ninguém me ajudou a entrar em carruagens ou a passar pelas poças, nem nunca me deram o melhor lugar. E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem o meu braço! Eu arei a terra, plantei e juntei toda a colheita nos celeiros; não havia homem páreo para mim! E eu não sou uma mulher? Eu trabalhava e comia tanto quanto qualquer homem – quando tinha o que comer -, e ainda aguentava o chicote! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria delas sendo vendida como escrava, e quando gritei a minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher? [...] (Truth, 1851)¹⁵.

¹⁵ Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/e-eu-nao-sou-uma-mulher/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

O discurso *E eu não sou uma mulher?* (1851) é mundialmente conhecido e ecoa até hoje. Ao questionar o tratamento dado a ela enquanto mulher, em comparação a outras, brancas, ela expõe e denuncia o machismo e o racismo da época. Se as mulheres são delicadas e merecem cuidados e tratamentos diferentes e especiais, por que ela enquanto mulher, não branca, não recebe isso? Pelo contrário, recebe o mesmo tratamento que os homens. O discurso sexista que se cria sobre mulheres serem delicadas e frágeis caia por terra no momento em que uma ela conta sua vivência diária.

A mulher negra há séculos sofre múltiplas opressões em nossa sociedade machista, sexista, racista e patriarcal. Ela sempre estará em desvantagem em comparação as mulheres brancas e homens negros. Na luta feminista, o seu direito enquanto mulher negra vem depois dos de mulheres brancas, na luta de raça, o seu direito vem depois em relação a homens negros, vemos isso estampado na sociedade a todo instante. Vejamos a seguir a personagem, A Puta:

Com 32 anos, ela tinha oito filhos consigo, mas pariu treze, cinco morreram. Dois ela perdeu para a fome, um morreu doente, parecia até que tinha herdado a amargura dela. Os gêmeos, ela perdeu de tanta pancada, quando ainda estavam no ventre (Cidinha, 2019, p. 38).

Ela não tinha apoio de ninguém quando o marido a espancava. Quando batia na mulher, ele gritava que pagará por ela um dote de escrava, e não um dote de esposa. Quando o marido foi embora com a vizinha branca de dezoito anos, ela se sentiu aliviada. Sentiu que podia descansar o corpo das porradas [...] (Silva, 2019, p. 38).

A personagem relata as violências sofridas com as/os filhas/os. Ela nos mostra um ambiente de extrema pobreza, de violência e descaso a ponto de seus filhos morrerem de fome, doentes ou por violência doméstica. Com a partida deste marido, ela procura um modo de sustentar a si e as/os filhas/os. Consegue o trabalho a partir de uma vizinha e apesar de ainda estar no lugar colocado pra ela desde o processo de escravidão, a prostituição, ela consegue se sentir gente novamente:

[...] O trabalho me deu dignidade. Pela primeira vez em muitos anos, desde que me casei, meu nome próprio voltou a fazer algum sentido. Eu era a esperança com um machado às mãos que me permitiria cortar a lenha, comprar o pão e alimentar meus filhos.

Eu agora sonhava em construir uma casa de dois pavimentos com um mercado embaixo, onde eu e meus filhos pudéssemos viver e trabalhar. Os filhos que pari, alimentei e amei. Vivi para eles, sem eles não sei quem sou. Com eles ao meu lado eu poderei morrer tranquila, quietinha no meu canto (Silva, 2019, p. 40).

Nesses relatos consigo observar a mucama, a doméstica e a mãe preta, figuras responsáveis por fazer todo o trabalho da casa, o cuidado com as crianças e ainda se manter disponível para ser o objeto sexual do homem (Gonzalez, 2020, p. 46). Essa personagem passou

por todos esses estereótipos colocados para seu corpo feminino negro. Ela era a mucama do seu próprio marido que a comprou com dote de escrava, exercia todos os afazeres de casa e os cuidados da família. Lembrando que a peça parte de relatos reais de mulheres negras e se pensarmos que esses relatos são de 2014 ou antes, já que a peça estreou em 2014.

Muitas mulheres trabalham em casa nos afazeres domésticos e na criação das/os filhas/os, muitas impedidas de trabalharem fora, enquanto isso os homens são provedores dessas famílias. Isso muda quando essas mulheres são abandonadas com as crianças e precisam trazer o sustento para dentro de casa. O trabalho fora passa a ser mais um na vida dessa mulher, sendo “os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos” (Carneiro, 2011, p. 129), o caso da personagem.

Quando disse a cima que a mulher negra está a baixo da mulher branca e do homem negro, a partir do discurso de Truth (1851) entendesse melhor. Todas as opressões estão voltadas para esse corpo negro. A autora, Cidinha, nos mostra que muita coisa que pensamos ter ficado no período na escravidão, ainda perduram até hoje na vida dessas mulheres negras.

As personagens da obra trazem dor e muito sofrimento, mas também muita beleza, amor e poesia. Quando iniciei no teatro eu assistia de tudo, não importava o gênero, o tema. Me lembro de assistir uma performance em que a atriz transformou sua dor em cena. Ela foi estuprada e engravidou e ela encenava esse acontecido de sua vida. A cena continha muitos símbolos e uma atmosfera que parecia que eu estava no quarto com ela me senti sendo destruída com ela.

Na peça, Cidinha, traz uma personagem que conta seu processo dentro de um relacionamento machista, abusivo, tóxico e muito violento. Ela não consegue sair por conta própria da relação, mas o abandono a liberta. Evaristo (2005), fala que cada vez mais a escrita de mulheres negras retrata uma que fala de si a partir de vivências próprias, deixando de ser algo que o outro descreve para se tornar quem se descreve a partir de sua experiência de mulher negra na sociedade.

A escrita de mulheres negras se fazem cada vez mais necessária porque precisamos dessas narrativas ativas, precisamos que esses espaços sejam ocupados por esses corpos, que a palavra e história seja negra. Parafraçando Chimamanda Ngozi Adichie (2019), o que o meu contato com a arte e com o teatro fez por mim foi: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros e a história. Esse letramento artístico me ajudou a questionar, se eu não adentro esses espaços, eu não teria me descoberto uma mulher negra? Eu não teria começado a

questionar a aparição de representatividade negra e o quanto isso impacta na vida de quem não tem acesso a isso?

A próxima personagem se chama A Princesa do Carnaval “Toda jovem negra, que desfila no mais humilde bloco do mais longínquo subúrbio, sonha com a passarela da Marquês de Sapucaí. Sonha com esse sonho dourado, conto de fadas [...]” (Gonzalez, 1984, p. 228).

Eu saio em escola de samba desde menina. Saía na ala das crianças e me divertia muito porque tinha lanchinho. Um dia o presidente me perguntou se eu queria ser destaque num carro. Gostei da ideia. Ser destaque da escola de samba podia ser a porta pra alguém da televisão me descobrir.

[...] Eu me sentia desejada e gostava disso. Acho que a noção de que eu tinha um corpão, de que era gostosa e bonita, é que me fez livre (Silva, 2019, p. 51).

O carnaval aqui no Brasil é um grande espetáculo de cores, músicas, corpos, sobretudo de mulheres negras com pouca ou quase nenhuma roupa. Em capitais que acontecem desfiles de escolas de samba isso é mais forte. A personagem aqui retrata que começou a desfilar na infância e infelizmente, sabemos que corpos negros são sexualizados desde a infância, começa a nutrir o sonho de se tornar rainha e desfilar em grandes carros. Isso pode vim da vontade genuína dela ou algo moldado no seu desenvolvimento que a levou para um lugar que seu corpo negro “se encaixa”. Ainda sobre isso, Lélia Gonzalez fala:

[...] As escolas vão desfilar suas cores duplas ou triplas. Predominam as duplas: azul e branco, verde e rosa, vermelho e branco, amarelo e preto, verde e branco e por aí fora. Espetáculo feérico, dizem os locutores: plumas, paetês, muito luxo e riqueza. Imperadores, uiaras, bandeirantes e pioneiros, princesas, orixás, bichos, bichas, machos, fêmeas, salomões e rainhas de sabá, marajás, escravos, soldados, sóls e luns, baianas, ciganas, havaianas. Todos sob o comando do ritmo das baterias e do reboledo das mulatas que, dizem alguns, não estão no mapa. “Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz” “Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão”. “Elas me deixam louco, bicho” (Gonzalez, 1984, p. 227).

A personagem sabe a mulher que, é, e se reconhece enquanto mulher negra, se ama, mas infelizmente o sonho dela é o fetiche de homens brancos que sexualizam corpos de mulheres negras e os veem apenas como objetos sexuais para seus prazeres. E isso vem se perdurando á muito tempo, não é algo isolado do carnaval.

Esses estereótipos acerca da mulher negra vem do período da escravidão, onde essas mulheres eram vistas como extravagantes, devassas, estimulantes, com uma chama que fazia com que os senhores não resistissem, as animalizavam e as vias apenas para o sexo, começaram a estuprar indígenas e escravizadas. A desculpa era porque as mulheres brancas estavam longe, essas para constituem uma família (Carneiro, 2023).

Considerações finais

Contudo, concluo que meu processo desde a infância, quando entrei no teatro, até hoje, contribuiu e contribui para o meu reconhecimento enquanto mulher negra e a minha visão de mundo para com outros corpos negros. Volto meu olhar primeiramente para dentro de casa, com as mulheres negras que me criaram e me ensinaram a ser nesse mundo.

No campo artístico, isso se intensificou, poder conhecer, assistir e trocar experiências foi muito valioso. Sinto que o ingresso no teatro e em espaços culturais colaborou para o meu desenvolvimento social e político. Ver-me em espaços não ocupados por corpos como o meu me fez ter um sentimento de pertencimento enquanto pessoa no mundo. Entendo que a representatividade precisa começar logo cedo na nossa vida porque o racismo está presente desde cedo dentro de casa, na escola e no dia a dia.

Encontrar com Cidinha da Silva nessa caminhada foi muito valioso, sua escrita e dramaturgia me fizeram encontrar o meu desejo dentro do teatro, as discussões que quero travar, tanto no fazer artístico, quanto dentro da sala de aula. O seu trabalho é muito voltado para questões socioculturais e isso me interessa muito no trabalho enquanto artista e professora.

O ingresso na faculdade me despertou o desejo de dar aulas e a aquela sensação de “querer mudar o mundo” a partir do teatro e das artes se fez presente. Sinto que posso desenvolver isso com as alunas e alunos que encontrarei nesse caminho. Fico imensamente feliz por poder olhar para trás e dizer que eu me encontrei enquanto uma “quase professora” e é na Agda da infância que eu pensarei cada vez que entrar em sala de aula e encontrar diferentes crianças e adolescentes, de diferentes estilos e jeito de ser no mundo.

A escrita nesse processo apesar de todos os percalços colocados aqui no texto, são importantes para que a história seja contada, a escrivência de Conceição Evaristo (2020) e de todas as mulheres negras, partem do nosso lugar de vivência e de sujeitas principais da história.

Não concluo aqui um pensamento, o deixo aberto para reflexões sobre ser mulher negra na dramaturgia, literatura e nas artes de um modo geral. Questiono o lugar a mim imposto todos os dias e seguirei indagando. Espero que essa escrita seja a abertura de novos caminhos e serem trilhados e que dessa nasçam outras escrivências de mim e de nos.

A gente se encontra em breve!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMA PRETA. “E eu não sou uma mulher?”. 1 jul. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/e-eu-nao-sou-uma-mulher/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.) **Escrivivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Palmares Cultura Afro-brasileira. Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, 2005. p. 52-57.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: ANPOCS. **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. LIMA, Márcia; RIOS, Flavia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Oliveira Fabiane. **Negrices em flor, de Maria Tereza: uma reflexão sobre a escrita da mulher negra**. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, 2020. Disponível em: http://bib.pucminas.br/teses/Letras_FabianaOliveiraDeJesus_8519.pdf. Acesso em: 18 nov. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda. **A cena em sombras**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.

MENDES, Miriam Garcia. **A personagem negra no teatro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1982.

SALES, Cristian. Literaturas de autoria negro-feminina na América Latina e Caribe: insurgências e ressignificações. **Revista Pontos de Interrogação**, v. 13, n. 1, p. 45-74, 10 jun. 2023.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. In: Não vou mais lavar os pratos. Brasília, 2016. p. 18.

SOBRAL, Cristiane. Escrita e dramaturgia negra. In: PINTO, Viviane; ARGENTA, Milena. (Orgs.). Lab Criação. São Paulo: Bendita Prosa, Girassol Incentiva e Simpoiese, 2022, p. 93-103.

SILVA, Cidinha da. **O teatro negro de Cidinha da Silva**: Sangoma - saúde às mulheres negras; Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas; Os coloridos. Belo Horizonte: Aquilombô, 2019, p. 35-61.